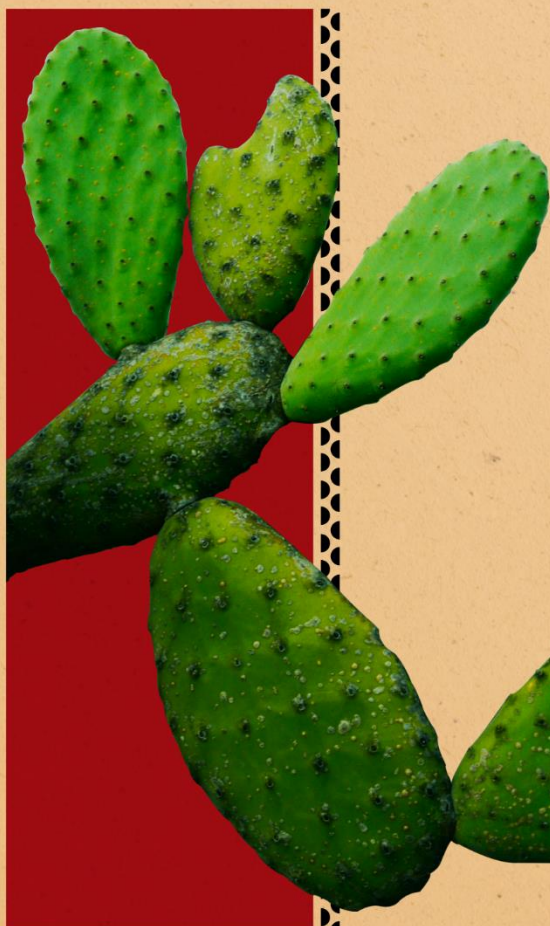


20
21



versos,
Anversos
& Antiversos

ISSN: 2675-4975



Ano 2 · N° 02 · 2021
Dossiê Literatura de Cordel



GEPLAT EDIÇÕES

Cooperação:



EXPEDIENTE

Versos, Anversos & Antiversos

GEPLAT Edições

Ano 2 - Número 02 - 2021

Dossiê Literatura de Cordel

ISSN: 2675-4975

Endereço eletrônico: www.geplat.com/versos

EQUIPE EDITORIAL

Jean Henrique Costa - Professor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Dr. em Ciências Sociais (UFRN);

Raoni Borges Barbosa - Professor visitante na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Dr. em Antropologia (UFPE);

Jeanemeire Eufrásio da Silva - Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas (PPGCISH/UERN);

Lázaro Fabrício de França Souza - Professor da Universidade Federal Rural do Semiárido - UFRSA. Doutorando em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN;

Francisco Wilton da Silva Júnior - Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas (PPGCISH/UERN);

Stamberg José da Silva Júnior - Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina;

Paulo Sérgio Raposo da Silva - Mestrando em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN;

Dr. Thadeu de Sousa Brandão - Universidade Federal Rural do Semiárido (*in memoriam*)

SUMÁRIO

Gustavo Luz

EDITORIAL..... 06

Francisca Joseneide da Silva

PREFÁCIO..... 09

Antônio Francisco

A CASA QUE A FOME MORA..... 12

Luiz Campos

CARTA A PAPAI NOEL..... 17

José Ribamar

CONFUSÃO NO CEMITÉRIO..... 21

Manoel de Assis Campina

DISCUSSÃO DE UM FISCAL COM UMA FATEIRA..... 29

Concriz

**EIS A RESPOSTA DA CARTA DE FERNANDO COLLOR AO
DIABO..... 39**

Severino Inácio

O BRASIL MAL GOVERNADO..... 48

Leandro Gomes de Barros

O POVO NA CRUZ..... 56

<i>José Bezerra de Assis</i> SER PROFESSOR É.....	62
<i>Helena Bezerra de Araújo</i> SONEGAÇÃO DE DIREITOS.....	67
<i>Arievaldo Viana</i> VACINA CONTRA A BESTEIRA.....	70
<i>Gustavo Luz</i> SOBRE OS CORDELISTAS DA EDIÇÃO.....	85

Cooperação:



TEXTOS SELECIONADOS POR:
GUSTAVO LUZ

EDITORIAL

CORDÉIS DE CONTESTAÇÃO

Gustavo Luz

Editor e Fundador da Editora Queima-Bucha

A publicação de poemas em Literatura de Cordel para uma revista digital tende a desvirtuar tudo que se escreveu sobre o tema? Se o Cordel, por anos, foi estudado enquanto uma poesia caracterizada por seu formato físico e por ser vendida dependurada em um cordão, e ser impresso em papel barato, como deve ser analisada sua disponibilidade nos dias atuais em pixels convertidos em telas de plasma, LCD e de leds? O que mudou desde que as caravelas aportaram nas praias virgens impondo seu progresso destruidor?

Uma breve contextualização histórica permite que tais questionamentos possuam uma resolução mais clara. Estudos sugerem que o nascimento da Literatura de Cordel, tal qual o conhecemos, data dos longínquos séculos XI e XII e tem suas origens na península ibérica dos trovadores errantes. Essa literatura aporta em terras brasileiras no processo de colonização e logo assume aqui características próprias ao tornar-se uma das mais fortes expressões culturais da região Nordeste.

No recente livro *Apontamentos para a História do Cordel Brasileiro*, o professor e poeta Aderaldo Luciano afirma que o cordel brasileiro apareceu inicialmente no Recife, datando do final do século XIX, sendo assim a única forma poética legitimamente brasileira. O que na

realidade teria chegado ao Brasil como herança do trovadorismo ibérico foram não as métricas características e sua identidade literária, mas o modelo estético dos folhetos que dariam suporte ao que era impresso em formato de livreto e que posteriormente passou a ser vendido nas feiras públicas dos nossos pequenos arruados urbanos emergentes com o advento da Abolição da Escravatura e da República Brasileira.

Desse modo, o estilo narrativo e musical característico dos romances e das pelepas em sextilhas, setilhas, décimas e dodecassílabos, - fielmente obediente às regras literárias que dão molde ao cordel, - foi elaborado em solo nordestino e teve como maior divulgador desse lirismo o Leandro Gomes de Barros, que ficou conhecido como o pai da Literatura de Cordel no Brasil. A literatura de cordel, nesse sentido, consiste em artefato cultural brasileiro. Partindo dessa premissa é que nos deparamos com o conceito de que temos uma autêntica poesia brasileira que por muitos anos deverá ser estudada com a devida seriedade, rigor e respeito.

E é na tentativa de levantar estudos acerca da Literatura de Cordel do Brasil que o *Caderno Virtual Versos, Anversos e Antiversos* (ISSN 2675-4975) convidou o editor Gustavo Luz a selecionar alguns poemas de cordelistas da região para que fosse dado início a estudos críticos e elucidativos acerca desse estilo literário. Ao todo, foram selecionados 10 poemas de Literatura de Cordel, que versam com humor e ironia sobre o tema das injustiças sociais e das pelepas sobre o cotidiano das pessoas comuns do Nordeste e suas lutas diárias. Aí se destaca Leandro Gomes de Barros com seus romances.

Dito isso, convidamos os leitores da revista *Versos, Anversos e Antiversos* a lerem os Cordéis desse dossiê. Muita estrada ainda teremos de percorrer para elucidarmos esse estilo literário que finca suas raízes históricas, afetivas e estéticas no Nordeste brasileiro. Desse modo,

colocamos os versos rimados do Cordel em seu devido lugar na Literatura brasileira. Tenham todos uma boa leitura!

PREFÁCIO

Francisca Joseneide da Silva¹

É com aplausos que tenho a satisfação de apresentar este trabalho dotado de narração e reflexão, em que se combinam os exercícios do pensar, produzir e contar. Estamos perante um trabalho denso e rico. A narrativa aqui apresentada é singular e envolve quem a lê em um cativante percurso de reflexão e discussão.

Esta coletânea de cordéis, editada pelo *Portal Geplat Edições* e pela *Editora Queima-Bucha*, significa muito mais que um trabalho literário, pois desenvolve uma luta de consciência que percorre a política, a cidadania, a igualdade de oportunidades, temas sociais, históricos, religiosos e folclóricos que se contextualizam como questões polêmicas e atuais.

Você já se perguntou o que é a literatura de cordel? A princípio se pode pensar que é uma poesia em versos e, sobretudo, marcada pela simplicidade de suas palavras; não obstante, os cordéis são *folhetos* que traduzem sentimentos e narram contextos sociais, aproximando pessoas para além do seu tempo e lugar. O termo poesia, que vem do grego *poesis*, significa criação. Por consequência, o poeta cordelista é o criador. Ele é o sujeito que nomeia o invisível e que influi na construção e na consolidação do texto. Assim, a literatura de cordel é uma linguagem, antes de tudo e de qualquer outra definição.

Reconstruir as origens da literatura de cordel nos faz percorrer os caminhos trilhados por diversos folcloristas e pesquisadores da tradição

¹ Graduada em Ciências Sociais e Pedagogia, Especialista em Psicopedagogia e Mestre em Ciências Sociais e Humanas – PPGCISH/UERN. Autora do trabalho: *Velhas Raízes, Novas Formas: literatura de Cordel na cidade de Mossoró-RN*. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais, UERN). E-mail: joseneidesilva@hotmail.com.br

oral. O cordel é fruto dessa oralidade, que se expressa nas narrativas, contos e cantorias. Essa literatura teve início primeiramente na forma de cantigas trovadorescas, auxiliadas por instrumentos musicais. Esse trovadorismo estabeleceu uma ponte entre a literatura de cordel em Portugal e no Brasil, porque foi trazido pelos colonizadores que aqui chegaram. As cantigas se incorporaram aos aspectos culturais do povo brasileiro, ganhando espaço principalmente no cenário nordestino, pois o papel cultural ocupado pelos folhetos teve aqui, no Nordeste, grande adaptação e significação.

Os cordéis já foram um dos principais veículos de informação quando ainda não existiam o rádio, a televisão, o jornal e os espaços virtuais. Portanto, além de divertir, os cordéis tinham também o papel social de informar e de integrar simbolicamente as populações territorialmente dispersas, já que os folhetos percorriam o país inteiro nas malas e mãos de leitores.

Os cordéis nordestinos guardam, como marca de origem, a maneira irreverente de como eram vendidos nas feiras livres, pendurados em cordas ou barbantes. Suas imagens, feitas através da xilogravura, possibilitam ter um preço bastante acessível. Sobre as temáticas, suas narrativas apresentam problemáticas que são resolvidas com a inteligência e astúcia do autor/personagem e do leitor.

No que se refere ao conteúdo, essa literatura tem como característica a linguagem coloquial, utilizando o uso do humor, da ironia e do sarcasmo. As palavras são esculpidas e lapidadas e o texto oferece, na sua composição, a melodia, a métrica, a alternância tônica e átona, além de diversas pontuações como atrativos. Para além da sua composição variada, a poética do cordel pode contar na sua estruturação com a quadra, a sextilha, a septilha, a oitava, o quadrão e a décima.

Deste modo, dotados de virtudes didáticas, os poetas que aqui compõem esta coletânea nos brindam com um material criterioso e fiel ao princípio da literatura de cordel enquanto produção linguística, cultural e de domínio coletivo. Por meio da licença poética, os autores desta coletânea exploraram o universo imaginário, dramatúrgico e histórico de nossa região. Desprendendo-se de certos formalismos da gramática normativa, a literatura de cordel ocupa um lugar itinerante que aprimora percepções e enriquece o repertório discursivo dos seus leitores.

Atualmente a literatura de cordel tem conquistado mais espaço e visibilidade, visto que editoras, universidades, poetas e alguns meios digitais têm trabalhado em sua popularização, promovendo-se como um marco vital da resistência na cultura popular. Nessa perspectiva, as obras vinculam os autores ao público, pois a sua valorização contribui não apenas para a cultura, mas instiga o indivíduo a pensar sobre o seu cotidiano. Os cordéis de contestação discutem não apenas a legalidade e a legitimidade dos assuntos propostos, mas a defesa do mérito, que é o momento em que o poeta relata, ataca e impugna as realidades propostas. Mediante os cordéis aqui expostos, essa coletânea jamais poderia ser desvinculada desse contexto.

A poesia de cordel, além disso, não se prendeu ao folheto e abarca outras formas de expressão além da escrita: traz o exercício da musicalidade, da construção de paisagens, de personagens teatrais e de objetos esculpidos na madeira e no barro, isto tudo feito por artistas que, ao lado dos cordelistas, enriquecem e adensam o imaginário e o simbolismo da arte nordestina. A arte do cordel, portanto, é, sem dúvida, uma interdisciplinar arte poética.

A CASA QUE A FOME MORA

Autor: Antônio Francisco

Eu de tanto ouvir falar
Dos danos que a fome faz,
Um dia eu saí atrás
Da casa que ela mora.
Passei mais de uma hora
Rodando numa favela,
Por gueto, beco e viela,
Mas voltei desanimado,
Aborrecido e cansado
Sem ter visto o rosto dela.

Vi a cara da miséria
Zombando da humildade,
Vi a mão da caridade
Num gesto de um mendigo
Que dividia o abrigo,
A cama e o travesseiro,
Com um velho companheiro
Que estava desempregado,
Vi da fome o resultado,
Mas dela nem o roteiro.

Vi o orgulho ferido
Nos braços da ilusão,
Vi pedaços de perdão

Pelos iníquos quebrados,
Vi sonhos despedaçados
Partidos antes da hora,
Vi o amor indo embora,
Vi o tridente da dor,
Mas nem de longe vi a cor
Da casa que a fome mora.

Vi num barraco de lona
Um fio de esperança,
Nos olhos de uma criança,
De um pai abandonado,
Primo carnal do pecado,
Irmão dos raios da lua,
Com as costas semi-nuas
Tatuadas de calíça,
Pedindo um pão de justiça
Do outro lado da rua.

Vi a gula pendurada
No peito da precisão,
Vi a preguiça no chão
Sem ter força de vontade,
Vi o caldo da verdade
Fervendo numa panela,
O jejum numa janela
Dizendo: aqui ninguém come!
Ouvi os gritos da fome,
Mas não vi o resto dela.

Passei a noite acordado
Sem saber o que fazer,
Louco, louco pra saber
Onde a fome residia
E por que naquele dia
Ela não foi na favela
E qual o segredo dela,
Quando queria pisava,
Amolecia e matava
E ninguém matava ela?

No outro dia eu saí
De novo à procura dela,
Mas não naquela favela,
Fui procurar num sobrado
Que tinha do outro lado
Onde morava um sultão.
Quando eu pulei o portão
Eu vi a fome deitada
Em uma rede estirada
No alpendre da mansão.

Eu pensava que a fome
Fosse magricela e feia,
Mas era uma sereia
De corpo espetacular
E quem iria culpar
Aquela linda princesa
De tirar o pão da mesa

Dos subúrbios da cidade
Ou pisar sem piedade
Numa criança indefesa?

Engoli três vezes nada
E perguntei o seu nome.
Respondeu-me: sou a fome
Que assola a humanidade,
Ataco vila e cidade,
Deixo o campo moribundo,
Eu não descanso um segundo
Atrofiando e matando,
Me escondendo e zombando
Dos governantes do mundo.

Me alimento das obras
Que são superfaturadas,
Das verbas que são guiadas
Pros bolsos dos marajás
E me escondo por trás
Da fumaça do canhão,
Dos supérfluos da mansão,
Da soma dos desperdícios,
Da queima dos artifícios
Que cega a população.

Tenho pavor da justiça
E medo da igualdade,
Me banho na vaidade

Da modelo desnutrida,
Da renda mal dividida
Na mão do cheque sem fundo,
Sou pesadelo profundo
Do sonho do bóia fria
E almoço todo dia
Nos cinco estrelas do mundo.

Se vocês continuarem
Me caçando nas favelas,
Nos lamaçais das vielas,
Nunca vão me encontrar,
Eu vou continuar
Usando um terno xadrez,
Metendo a bola da vez,
Atrofiando e matando,
Me escondendo e zombando
Da burrice de vocês.

CARTA A PAPAI NOEL

Autor: Luiz Campos

Assunto é que num farta

Purisso vô nessa carta

Lhe pedi Papai Noé

Que seja mais camarada

Lembre dessa cambada

De brasileiro fiel

Qui passa a sumana intera

Trabaiando pela fera

Numa luta disumana

Quando chega a nossa vez

O ganho do fim do mês

Nois gasta numa sumana

Do jeito que a coisa tá

Num tem mais cuma aumentá

O tempêro da panela

As conta num tenho pago

Cada dia to mais mago

Como fêcho de fivela

Eu num *sei* se você sabe

Os partido já num cabe

Na boca dum camburão

Pois é tanto deputado

Robando feito adoidado

E por cima mensalão

Im ditado faço fé

Pois quem nunca come mé

Quando come se lambuza

Nem o senadô iscapa

Do tacho num dêxa rápa

Além de roubar, abuza

É imprego pra famia

Pru namorado da fia

Pra tudo quanto é parente

O negócio é ingordá

O contra-cheque aumentá

E o Brasil que vá pra frente

Pode crê Papai Noé

Vai ficá andando a pé

Se cruza lá por Brasília

Fica sem rena e trenó

No saco lhe dão um nó

Vai perdê a freguesia

Se vortá pru pólo Norte

Pode crê cum munta sorte

Só de gôrro e cinturão

Pois a gente no Brasil

Vai pra puta qui pariu

Já de passage na mão

Um magote sem vergonha

Tinhoso cheio de mânia

bota o pôvo numa fria

Quarquê ismola consola

Qui passô de bolsa iscola

Agora bôrsa famia

Papai Noé eu pergunto

Me diga se tem assunto

Qui o rumo vai mudar

Se as coisas aí do céu

Num vão botá no papé

Pru Brasil se ajeitá?

Diga a nosso sinhô

Qui seu pôvo leva andô

Im tudo que é procissão

Qui ele dê uma olhada

Acabe com essa cambada

Qui invegonha a nação

Num se tem mais segurança

Pra se onde pende dança

Num tem como miorá

Se mata por brincadêra

Ser bandido é ter cadêra

No congresso nacioná

Ô Brasil véio sofrido
Qui já véve isquicido
Nem sabe como é lutá
Morre muié e criança
Enterrô a isperança
Nessa luta disiguá

Cadê a soberania
De noite cuma de dia
O medo já tem cadêra
Se sai de casa num sabe
Se volta vivo ou se cabe
Num palitó de madêra

Papai Noé dessa forma
A gente num se conforma
De ter vês na eleição
Qui é pra servi de iscada
Sem ter direito a nada
Prus homi de posição

Purisso nesse Natá
Pode crê num leve a Má
Acabe cum a regalia
Pois o pobre do matuto
Ainda paga o tributo
Pra deputado im Brasilia.

CONFUSÃO NO CEMITÉRIO

Autor: José Ribamar

Leitor eu vou lhe contar
O que alguém me contou.
Acredite se quiser
Mas quem me disse afirmou
Que conhecia quem disse
Como tudo começou.

Esse alguém que me falou
O que eu vou lhe falar,
Era um grande amigo meu,
Natural do meu lugar,
Que vendeu tudo que tinha
E foi pro Rio morar.

Fernando, é o nome seu,
Filho da nossa vizinha,
E por ser o mais risonho
Amigo que a gente tinha
A gente ficou chamando
Fernando de Risadinha.

Risadinha me contou
Que no Rio de Janeiro
Conheceu um cidadão
Por alcunha Biriteiro

Que pelo destino tinha
A profissão de coveiro.

Ele disse que, um dia,
Briteiro lhe contou
Que foi sepultar um pobre
Que um carro atropelou,
A polícia chegou lá,
Deixou o corpo e voltou.

Quando o defunto chegou,
Sem parente acompanhando.
Briteiro ainda estava
A sepultura cavando,
Ele cavando, e o corpo
Do indigente esperando.

Ele disse que o corpo
Chegou num pano enrolado
E quando aprontou a cova,
Quase morto de cansado
O único jeito que achou
Foi empurrar o finado.

Falou que tinha tomado
Um dez no bar da prima
E na hora do enterro,
Sem ajuda e auto-estima,
Deixou o morto enterrado

Com o espinhaço pra cima.

Briteiro disse para
Risadinha, amigo meu,
Que exato à meia-noite
O morto lhe apareceu
Lhe pedindo para ir
Desvirar o corpo seu.

O morto ainda lhe disse:
“Eu não dormi sossegado
Com a minha sepultura
Rodeada de finado,
Tudo porque você fez
Meu sepultamento errado.

Rindo e dizendo que eu
Não sou um defunto sério,
Pra me vingar, escondido
Deles e fazer mistério,
Eu troquei todas as cruzes
Das covas do cemitério.

Arranquei a cruz da cova
Dum marginal sem igual,
Depois coloquei no túmulo
De um Juiz Federal
E a do Juiz botei
Na cova do marginal.

Quando o marginal deu fé
Ficou cheio de poder
E na hora que o Juiz
Viu e quis se embravecer
A alma dum delegado
Foi chamada pra prender.

Troquei a cruz dum vigário
Pela cruz de um pastor –
Ambos brigaram mostrando
Pra alma dum pecador
Que morreram sem saber
Nada da palavra “amor”.

Ainda troquei a cruz
Do túmulo de um cartola
Pela cruz da sepultura
Dum pedidor de esmola
Que foi achado sem vida,
Pão e prata na sacola.

Quando o cartola não viu
Sua cruz teve um espanto
Mandou chamar o espírito
Dum famoso pai de santo
Para descobrir quem tinha
Arrancado a cruz do canto.

O pai-de-santo não soube
Dizer que tinha arrancado
O cartola foi depressa
Muito bem amortalhado
Conversar com o espírito
Do Governo do Estado.

Voltou trazendo consigo
Um armado batalhão
De soldado e delegado,
De sargento e capitão
E fizeram na necrópole
A maior revolução.

Botaram fogo nas cruzes
Das almas desempregadas,
Das meretrizes sofridas,
E das moças faveladas
Nem as cruzes das crianças
E freiras foram poupadas.

Cinza de caixão queimado
Se espalhou pelo ar,
Rosário bento quebrado,
Sem prestar pra emendar
E grades de ferro soltas
Por tudo quanto é lugar.

Cruzes de chefão de drogas

E de banqueiro de jogo,
Advogado e político
Poderoso e demagogo.
Se fossem vistas não eram
Submetidas ao fogo.

Nessa confusão a alma
Dum cabra desassombrado
Meteu um braço de cruz
Na nuca dum delegado,
Que ele caiu por cima
Da caveira dum soldado.

Se rebelaram mundana,
Travesti e jogador,
Cego, maneta, pernetta,
Mudo, gari, escritor,
Jornalista, motorista,
Prefeito e vereador.”

Biriteiro, nessa hora,
Pedi pro morto parar
E disse: “Amanhã bem cedo
Eu vou lhe desenterrar
E lhe enterrar direito
Pra revolta se acabar.”

Nesse momento, a visagem
Agradeceu e sumiu.

Briteiro se acalmou,
Deitou na cama e dormiu.
Cedo do dia acordou,
Pro Campo Santo seguiu.

Chegou lá, desenterrou
O cadáver do plebeu,
Que por infelicidade
Atropelado morreu.
Depois do erro desfeito,
Sossego a alma lhe deu.

Eu agora vou fazer
Minha participação.
Eu não sabia que os mortos
Gostavam de confusão.
Se for verdade, somente
No céu existe união.

Sei que há rebeliões
Nos presídios brasileiros,
Colchões são incendiados
Por muitos prisioneiros
Quando desejam mudanças
Nos sistemas carcereiros.

Também sei que entre as classes
Há muita desigualdade
De tudo elas são capazes

Mas pra falar a verdade
Eu não sabia que os mortos
São da mesma qualidade.

Quem achar que é mentira
Toda esta estória minha,
Tente arrancar a verdade
Do amigo Risadinha
Ou encontrar Briteiro
Na Favela da Rocinha.

Contei o que me contaram
Como tudo aconteceu,
Fiquei confuso com tudo
Que disse o amigo meu,
Mas se quem é vivo apronta
Imagine quem morreu.

Eu me pergunto: Será
Que entre os defuntos há
O que há entre nós, vivos,
Atualmente por cá,
Ou todo mundo é igual
Do outro lado de lá? FIM

DISCUSSÃO DE UM FISCAL COM UMA FATEIRA

Autor: Manoel de Assis Campina

O homem quando viaja
Sempre encontra presepadas,
Sofre muito, também goza,
Pega muitas beliscadas
E encontra alguma coisa
Que dá muitas gargalhadas.

Certo dia eu viajei
Da cidade de Palmeira
Com destino ao sertão
Em Serra da Cachoeira
Vi uma grande questão
Dum fiscal com uma fateira.

Começou a discussão
Por causa de uma coleta
A fateira se zangou
Disse ao fiscal: - Pegue a reta,
Queime o chão e vá embora,
Não quero ouvir indireta!

Disse o fiscal: - Minha dona
Nós vamos ser camaradas

Olhe bem que todas vendem

Porque estão coletadas

Disse ela: - Inda mais esta,

Porque elas são tapadas!

Porém eu sou diferente

Hoje o seu imposto mingua

Sei entrar e sei sair

Pra que é que eu tenho língua?

E se quer ver bicha doida

Encalque na minha íngua!

Disse o fiscal: - Minha dona

Não interessa a questão

Me pague 15 cruzeiros

Que eu passo o seu talão

Disse a velha: - Dê o fora,

Pega a reta, queime o chão!

Onde foi que já se viu

Pagar imposto de tripa?

Hoje aqui eu brigo muito

E não pago essa “sulipa”

Posso pagar na cadeia

Depois que meter-lhe a ripa!

Eu posso pagar o chão,

Porque esse é meu dever

Porém tirar a coleta

Isto é que ninguém vai ver
Tirar da boca dos filhos
Para esse corno comer!

Porque não vai trabalhar,
Malandro da calça frouxa?
Comigo você se lasca
Não pense que eu sou trouxa
Eu zangada sou o cão
A minha brigada é roxa!

E disse: - Conversar muito
É o que o senhor deseja,
Eu não posso bater papo
Vamos deixar de peleja
Como pouco meu velho chega
Hoje aqui o pau troveja!

Nisso chegam dois soldados
E um sargento também
Dizendo: - Pague a coleta
Que a senhora se sai bem
Disse a velha: - Inda mais esta,
De onde é que vocês vêm?

O senhor não é prefeito,
É um simples policial
Também quer vir fazer fita
No meio do pessoal?

O caso aqui quem resolve
É o intendente geral!

O sargento disse: - Dona,
Seu gênio a senhora dome,
Resolva, pague a coleta
E dê ao fiscal o nome...
A velha disse: - Se dane,
Do meu suor ninguém come!

Eu não gosto de soldado
Pegue a reta e vá furando
Peço que me deixe em paz
Antes que eu vá me zangando
Ou vocês querem que eu dê
De pé na bunda, chutando?

Disse o fiscal: - Está presa
A sua mercadoria,
Vá falar com seu Argeu
Guarda da coletoria
Não posso está empalhado
Aqui nessa porcaria!

Quando ele disse assim,
A velha se engreguenou
Saltou de um lado da banca
Um mocotó agarrou
Passou-lhe no pé do ouvido

Que o fiscal inda tombou.

Aí o povo invadiu

Naquela ocasião

A fateira como doida

Com o mocotó na mão

Quando raspava de lado

Dois e três iam no chão.

Disse a fateira hoje aqui

Com essa feira eu acabo,

E botou para correr

Sujeito metido a brabo

Com o mocotó na mão

Ficou pior que o diabo.

Dois soldados e o sargento

Caíram nesse paleio

Nisso chega o velho dela

Também entrou pelo meio

Com um cacete de quina

Que já vi serviço feio.

Aí o pau falou no centro

Todas fateiras entraram

Defendendo a sua parte

De mocotó se armaram

Não ficou um banco em pé

Nessa hora reviraram.

Quando o mocotó batia
Revirava de fileira
Quatro cinco de uma vez
Era aquela brincadeira
Pois nem o diabo ia perto
Do pé de boi da fateira.

Uma fateira valente
Numa tripa deu um bote
E com a tripa na mão
Dava em gente de magote
Aonde a tripa batia
Era igualmente um chicote.

Era num dia de missa
O padre correu pra fora
Dizendo: - Minha gente, calma,
O que é isso, minha senhora?
As fateiras o agarraram
Como doidas, nessa hora.

Entraram de igreja adentro
Naquela revolução
Quebraram mesa e cadeira
Que tinha pelo salão
Vela, santo e oratório
Iam botando no chão.

Bateram no altar-mor
Derrubaram a padroeira
E o povo todo em cima
Para pegar a fateira
Da rua para a igreja
Era aquela bagaceira.

Quebraram Santa Sofia
Quebraram São Severino
Quebraram Santo Aniceto
Quebraram São Guilhermino
Quebraram Santo Agostinho
Quebraram São Marcolino.

Quebraram Santa Tereza
Quebraram Santa Isabel
Quebraram Santa Cecília
Quebraram São Gabriel
Quebraram São Bonifácio
Quebraram São Rafael.

Quebraram também São Braz
Quebraram São Ananias
São Cosme e São Damião
São Bento e São Zacarias
São Renato e São Abel
São Joaquim, São Jeremias.

Uma fateira agarrou

São Pedro e deu-lhe um sopapo

O santo correu gritando

Desta eu sei que não escapo

E a fateira gritando:

- Corra, senão eu lhe capô!

Derrubaram São Luiz

E quebraram São Benito

Derrubaram Santo Onofre

Quebraram Santo Expedito

O que foi de santa fêmea

Foi um estrago esquisito.

Santo Antônio Viajante

Já ia se escapulindo

São Miguel e São Ricardo

Ainda estavam sorrindo,

São Sebastião olhou

Inda viu o pau tinindo.

A velha meteu a mão

Por cima do oratório

São José se abaixou

E pegou e São Osório

O mocotó inda bateu

Na cara de São Gregório.

São Benedito correu

Arrodeando um coreto,

Dizendo: - Valha-me Deus,
Hoje aqui eu me derreto
Estão dando em santo branco
Quanto mais n'eu que sou preto.

Sapecaram o mocotó
Na cara de São Nicolau
São Judas Tadeu ficou
Mais mole do que mingau
E a barba de São José
Quase voava no pau.

São Jorge no seu cavalo
Saiu furando de espora
E o povo do barulho
Correu pela rua afora
E as fateiras exemplando
Todo mundo nessa hora.

Não teve quem resistisse
A luta do mocotó
Onde o pé de boi batia
Era até de fazer dó
Terminou correndo tudo
E elas ficando só.

Foi enorme o prejuízo
Nesse dia em Cachoeira
A polícia nunca mais

Quis prender uma fateira
E nem também o fiscal
Quis cobrar mais chão de feira.

Hoje tem outro prefeito
Vive tudo sossegado
A fateira ainda hoje
Vende tripa no mercado
Ali só se paga o chão
Mas ninguém é coletado.

Caçoadada com fateira
Aquele que inventar
Mande logo abrir a cova
Pra nela se enterrar
Inácio, o fiscal da feira
Na Serra da Cachoeira
Agüentou de amargar.

EIS A RESPOSTA DA CARTA DE FERNANDO

COLLOR AO DIABO

Autor: Concriz

Se os leitores não sabem
Do fato que aconteceu
Se ler este meu cordel
Vai saber do que se deu
Da carta que o cão mandou
E Fernando Collor leu

O Cão escreveu dizendo
Fernando tenha cuidado
Você mentiu para o povo
Agora está empossado
A carestia aumentando
E o povo desempregado

Você garantiu ao povo
Que depois da eleição
Fazia Reforma Agrária
Para o povo do sertão
Ia gerar mais emprego
Acabava a inflação

Disse que: a dívida externa
Pagava de uma vez

Acabava a mordomia
Ia arrochar o burguês
Mas o pau só se quebrou
No lombo do camponês

Até a corrupção
Aumentou cada vez mais
O Brasil que o povo ama
Esta andando pra trás
E o seu nome é escrito
No livro que agente faz

Você usou uma Bíblia
Nas suas campanhas boas
Diga onde está o leite
Que vinha para as pessoas
Foi tudo pra os frigoríficos
Que possui em Alagoas?

A renda das estatais
Diga chefe da nação?
O que fez com o dinheiro
Se foi gastar no Japão...
Esqueceu que no Brasil
Não tem mais educação?

O filho do rico estuda
No melhor grupo escolar
O do pobre é diferente

Vai deixar de estudar
Porque os livros são caros
Ele não pode comprar

O senhor disse também:
Vou investir na saúde
Esqueceu que falta água
Pra tirar do pobre o grude
A cólera da sua raça
Vem por riacho e açude

As compras das bicicletas
Eu acho uma coisa feia
O senhor também dizia
Que ladrão ia pra peia
Me diga se tem alguém
Desse povo na cadeia?

E o dinheiro do povo
O senhor passou a mão
Sendo assim fique sabendo
Que isso é corrupção
Quando chegar no inferno
Irá entrar no ferrão

Eu fiquei olhando o povo
Que lá em você votou
Muita gente com desgosto
Até se suicidou

O inferno não cresceu
Mas com certeza ele inchou

Por isso é que a gente passa
Por grande dificuldade
Vem gente diariamente
Porque praticou maldade
De político mentiroso
Aqui tem mais da metade

Aquele que fica impune
Com julgamento adiado
Chegando lá no inferno
Come um cururu assado
Quem tortura aqui na terra
No inferno é torturado

Fique sabendo que eu
Botei seu nome na lista
Não minta em televisão
Em jornais e em revistas
Que já faz tempo que ando
Com meu carro em sua pista

Quem desvia verbas públicas
Não se afasta depressa
Têm outros da sua laia
Que também quer entrar nessa
Para enganar ao povo

Com as mais falsas promessas

Para se ganhar política
Tem que ter força naquela
Ter programa e ter dinheiro
Pra dar feira a clientela
Para depois esquecer
O pessoal da favela

Fernando Collor acabou
De ler tudo sem demora
E disse consigo mesmo
Eu vou responder agora
Ele na casa da “Dinda”
E o diabo lá fora

Fernando Collor escreveu
O que tinha na lembrança
Não quero saber do leite
Que Sarney deu a criança
Menino tomando leite
Termina crescendo a pança

E sobre a educação
Vou lhe dá uma resposta
Pobre sem aprender ler
Da gente não se desgosta
Ainda sendo humilhado
É essa a minha resposta

Falar da fome do povo

Isto me dar alegria

O povo passando fome

Morre gente todo dia

Eu fico com o dinheiro

Da aposentadoria

E sobre a reforma agrária

Eu nem fiz e nem farei

Não darei de graça as terras

Que eu comprei e paguei

Para amanhã ou depois

O pobre querer ser rei

Peão só presta na peia

Ganhando menos de dez

Doente, passando fome,

Escravo dos coronéis

Pobre é pra viver sofrendo

Por debaixo do meus pés

E dinheiro do povo

Ainda vou prestar conta

Eu só quero ver o povo

Igualmente a mosca tonta

Chorando, se maldizendo

E todo dia uma ponta

Fazendo reforma agrária

Eu vou cair no abismo

Porque nasci na riqueza

Gosto do capitalismo

Reforma e irrigação

É para o socialismo

Para pobre ter de tudo

Nós não vamos concordar

Que tendo o mesmo direito

Pobre só quer trabalhar

Ganhando muito dinheiro

Nós não podemos pagar

Mas tudo que acontece

Brevemente eu digo ao povo

Se eu tirar o mandato

Grande banquete eu promovo

Vou dar feira a todo mundo

Venço as eleições de novo

E mesmo se eu não ganhar

Outro igual a mim ganhando

Tanto faz eu como ele

Não estou me importando

Só é bom se for assim

Tendo quem proteja o bando

Você disse que meu nome

Aí no seu livro estar
Não tenho nada com isso
Não vou me preocupar
Quando quiser tirar tire
Querendo deixe ficar

Você falou no inferno
Isso pra mim é bobagem
Todas as minhas respostas
Leve na sua bagagem
Quero é ser rico na terra
Explorar e ter vantagem

É muito bom ter dinheiro
Pra gozar a mocidade
Viajar de avião
Fazer o que tem vontade
Ter carro e mulher bonita
É muita felicidade

Eu acho que era assim
Que todo mundo queria
Pra que pobre com dinheiro
Só basta uma mixaria
Não tem para que comer
Mais de uma vez por dia

Eu disse mais ao povo
No meu governo era assim

Agora não adianta
Ninguém me achar ruim
Supero seja quem for
E faça-me um favor
Não escreva mais pra mim.



O BRASIL MAL GOVERNADO

Autor: Severino Inácio

Amigo, caro leitor,
Ando meio revoltado
Com esta classe política,
Que me deixa envergonhado,
Sou obrigado a dizer:
Ô, Brasil mal governado!

Nosso povo brasileiro
Correndo atrás da verdade
E o muro da mentira
Cobrindo a felicidade
Da pobreza que mastiga
O pão da desigualdade.

O Brasil foi descoberto,
A ruína começou...
Diante dos portugueses
O índio se apavorou,
Desprezando sua oca
Pra outro canto mudou.

Só mudou de região
Pra não manter o contato
Com aquele povo branco,
Falso, ruim e ingrato,

Que tirava a liberdade
Do índio pobre do mato.

Assim que os portugueses
Pisaram no nosso chão,
Botaram, por cima dele,
O lençol da ambição,
Dividindo sua terra
Com uns e com outros não.

Foram logo escravizando,
Com o seu espírito pobre,
Nosso índio no cultivo
Da cana, do ouro e cobre,
E o lucro ia direto
Pra casa do homem nobre.

O tempo foi se passando,
As ordens do mesmo jeito:
O branco rico e malvado,
Mantendo o pobre sujeito
Ao chicote da maldade
Que magoava seu peito.

A maldita escravidão
Causava tristeza e dor...
Um sujeito escravizado,
O outro escravizador.
Um batia, outro apanhava;

Chega mudava de cor.

O Brasil Colonial

Passou por grande mistura

De índio, de negro e branco...

Não somos de raça pura,

Mas temos conhecimento

Com relação à cultura.

O rico, dono de engenho,

Valente e mal educado,

Comprava negro e levava

Para ser escravizado

E ainda marcava ele

Com ferro de ferrar gado.

A Lei Áurea fez mudança,

Deu carta de alforria

Pra o preto escravizado,

Foi a maior alegria...

Talvez o primeiro passo

Para tal democracia.

E a história do negro

Tomou rumo diferente:

Já tem preto deputado,

Tem delegado e tenente,

Pra o branco ficar sabendo

Que preto também é gente!

Com certeza no Brasil
Ainda tem sangue puro
Em raça de animais,
Sendo em gente, eu não procuro...
Porque ainda não vimos,
Quem saberá no futuro...

O negro vive normal,
Já superou o barranco.
No mercado de trabalho
Seu espaço é quase franco
E tem negro que já tem
Mais valor que certo branco.

Já o índio é diferente,
Vive mal agasalhado,
Sem estudo e sem saúde,
Por este mundo jogado,
Nativo da nossa terra,
Ainda discriminado.

Eu olho e vejo o Brasil
Rodando na contra-mão,
Vejo a pobreza sofrendo,
Sem destino e opção,
Na porta da burguesia
Pedindo um taco de pão.

Por causa da roubalheira
É que vivo envergonhado.
Tem ladrão que é solteiro,
Tem ladrão que é casado,
Tem ladrão analfabeto
Que não perde pro formado.

Até juiz de direito
Anda meio atrapalhado
Por está fazendo parte
De um crime organizado.
Se a verdade é pra ser dita,
Tem ladrão engravatado.

No ladrão pé-de-poeira
A polícia mete o soco,
Que todo ladrão drogado,
Que faz o papel de louco,
Sofre muito na cadeia
Por ser besta e roubar pouco.

O nosso Brasil, ainda,
Está caminhando errado.
As maiores falcatruas
Acontecem no Senado...
É a máfia do poder
Trazendo o povo enganado.

Ô, país desajeitado

É o Brasil de Cabral!
Roubo, chacina e assalto,
A gente vê no jornal...
E a justiça nem liga!
Pra ela tudo é normal.

Se a lei não funciona
Vai caminhar sempre assim.
O Brasil é terra boa,
Mas o sistema é ruim.
Num país desgovernado
O sofrimento é sem fim!

Me chamam de falador.
Se sou, não estou sabendo
E, por falar a verdade,
Será que estou ofendendo
Ou será que estou mostrando
O que poucos estão vendo?

A política esmagadora
Maltrata demais a gente.
Toda a noção é sofrida,
Do adulto ao inocente.
E agora o povo espera
Pelo novo presidente.

Fernando Henrique Cardoso,
Presidente do passado,

Com certeza, o nosso povo
Do senhor está lembrado:
Prometeu dar e não deu
Cobertura ao flagelado.

Eu peço ao meu presidente,
Por ser chefe da nação,
Pra ajudar quem vive
Coberto de precisão...
Ser pobre e discriminado
Já é muita humilhação.

O pobre, pai de família,
Que vive desempregado,
Quando o filho pede um pão
Ele fica apavorado
Porque não tem o dinheiro
Nem quem lhe venda fiado.

Se no Brasil existisse
Boa administração
Não teria traficante
Prejudicando a nação,
E nem faltava pro povo
Saúde e educação.

E o menor infrator,
Esse seria punido
Numa especializada...

Ele ia ser ouvido
E na prisão ele ia
Chorar de arrependido.

Mas, se as pessoas hoje
Dizimam sem precisão,
Roubam sem necessidade,
Por nada formam questão,
Isso aí é o efeito
Duma má educação!

Neste cordel eu mostrei
Com toda sinceridade
Pra nosso querido povo
A cruel realidade
Que é o puro retrato
Da nossa sociedade.

Aos trancos e barrancos
A gente vai escapando,
Numa batalha acirrada,
Caindo e se levantando,
Sofrendo e envergonhado
Quando olha pro passado
De quem tava governando.

O POVO NA CRUZ

Autor: Leandro Gomes de Barros

Alerta, Brasil, alerta!
Desperta o sono pesado,
Abre os olhos que verás
Teu povo sacrificado
Entre peste, fome e guerra
De tudo sobressaltado.

O brasileiro hoje em dia
Luta até para morrer,
Porque depois dele morto
Tudo nele quer roer,
De forma que até a terra
Não acha mais que comer.

A fome come-lhe a carne
O trabalho gasta o braço
Depois o governo pega-o
Há de o partir a compasso
Estado, alfândega, intendência.
Cada um tira um pedaço.

O médico cobra a receita
O boticário a meizinha,
O juiz confisca logo
Alguns bens, se acaso tinha,

Inda ficando uma parte
Diz a Intendência: - É minha!

Assim morre o brasileiro
Como bode exposto à chuva,
Tem por direito o imposto
E a palmatória por luva
Família só herda dele
Nome de órfão e viúva.

Morrendo um pobre diabo
Se acaso deixar dinheiro,
Ainda deixando um filho
Este não é seu herdeiro
Só herda dele o juiz,
O escrivão e o coveiro.

E o governo bem vê
Nossos martírios cruéis
Só faz é nos botar selo*
Da cabeça até os pés
Diz: - De manhã morre um
Ao meio-dia nascem dez.

** Selo – estampilhas dos impostos.*

E grita: - Viva o imposto,
Morra quem estiver doente,
Morrem cem, nascem dez mil,

O Brasil tem muita gente
O tempo está muito bom
Toca o banquete pra frente!

O governo estraga o pão
Dizendo: - Não custou nada,
Dinheiro nasce no mato
Acha-se em qualquer estrada,
Vendo o mendigo morrer
Como fosse ao pé da escada.

Porque o pobre infeliz
A quem a fome deu cabo
Diz o prefeito morreu
Pode levar o diabo
Diz o coveiro: - De graça
A sepultura eu não abro.

São estas as garantias
Que competem ao brasileiro,
Tem fome em cima do pão
Ser pobre tendo dinheiro
Ser mandado pelos servos
Isto causa destempero!

Como vive o brasileiro
Com três impostos a pagar?
Um corpo com três feridas
Como assim pode escapar?

Um ser escravo de três
Se acaba de trabalhar.

São tantas as perseguições
Dos impostos que se paga
Que um fiscal para nação
Não pode haver maior praga
É como bala de rifle
Onde vai fura ou esmaga.

Não há mesmo quem resista,
Estes impostos agora
Diz o governo que tem
Quer morrer tudo uma hora?
Quando o morto se acabar
Eu boto o bagaço fora.

E se não houver inverno,
Como o povo todo espera,
De Pernambuco não fica
Nem os esteios da trapera,
Paraíba fica em nada
Rio Grande desespera.

O Rio de Janeiro, hoje
Parece um grande condado,
Ri-se o rico, chora o pobre
Lamentando o seu estado
Diz o governo, eu vou bem,

Tudo vai do meu agrado.

São Paulo para o governo
É primor da criação,
Eu o acho parecido
Com sítio da maldição,
Aquele que Judas comprou
Com o ouro da traição.

Filho de chefe político
Inda bem não é gerado
Diz o pai minha mulher
Já tem no ventre um soldado
Mas antes de sentar praça
Eu o quero reformado.

Assim antes de ser casa,
Já podia ser tapera,
Ou caju que antes da fruta,
Já a semente prospera
Ou é raça de pescada
Que antes de ser já era.

Nosso Pernambuco velho
Há anos anda caipora,
Vendo-se a hora e a instante
Que a capital vai embora
O governo está marcando
Em botar-lhe o bagaço fora.

Paraíba coitadinha!
Já perdeu toda esperança,
É mesmo que uma boneca
Nas unhas de uma criança,
Faz toda súplica ao governo
Mas suplica e nada alcança.

Em que hoje está tornado
O país da Santa Cruz!
Está igual a mariposa
No calor do fogo ou luz,
O brasileiro é um verme,
O estrangeiro é mastruz.

O Brasil hoje só presta,
Para inglês, padre e soldado,
Médicos, feiticeiros e brabos,
O mais vive acabrunhado,
De forma que fica o mundo,
Por estes só situado.

O rico matando o pobre,
Nem se recolhe a prisão,
Diz logo o advogado,
Matou com muita razão
Se passa um mês na cadeia,
Tem a gratificação.



SER PROFESSOR É...

Autor: José Bezerra de Assis

Ser professor é ter garra
Pra trabalhar com ardor
E pela educação
Tornar-se batalhador
Procurando sempre ser
Agente transformador.

Ser professor é ser hábil
Na prática de ensinar
É ser atualizado
Disposto a colaborar
Com vontade e compromisso
Na missão de educar.

Ser professor é saber
Conquistar a confiança
De adolescente e jovem
Adulto, idoso ou criança
Com responsabilidade
E espírito de liderança.

Ser professor é ser crítico
Ser ativo, estar atento
Das ocorrências dos fatos
Ter claro entendimento

É estudar e munir-se
De melhor conhecimento.

Ser professor é querer
Viver em comunidade
Ter espírito missionário
Promover fraternidade
Ajudar na construção
De nova sociedade.

Ser professor é passar
Uma mensagem enfática
Relacionando bem
A teoria e a prática
Promovendo o educando
Pela boa ação didática.

Ser professor é agir
Com firmeza e competência
É ser sempre criativo
Usar a inteligência
É manter uma postura
De equilíbrio e consciência.

Ser professor é ter gosto
De ir se aperfeiçoando
Novas práticas pedagógicas
Deve ir incorporando
Para oferecer melhor

Formação ao educando.

Ser professor é estar
No conteúdo seguro
Para poder transmitir
Um ensinamento puro
Que realmente prepare
Os cidadãos do futuro.

Ser professor é lutar
Por plena democracia
Protestando os casuísmos
Tão comuns da burguesia
E brigar para que haja
Respeito à cidadania.

Ser professor é ser forte
Ter coragem de sofrer
Repudiar os descasos
Denunciar, combater
As injustiças sofridas
Sem dar o braço a torcer.

Ser professor é cuidar
Da profissão com amor
É ter boa autoestima
Ao estudo dar valor
Para desempenhar bem
O papel de educador.

Ser professor é ter classe
É ser sindicalizado
É unir-se aos companheiros
Num objetivo ousado
Que é ver o magistério
Sendo bem valorizado.

Ser professor é ser luz
Para quem vai aprender
Orientando o processo
Do ensino passa a ser
O principal operário
Da construção do saber.

Ser professor é cumprir
Com a difícil missão
De transmitir ao aluno
Saber e educação
Com profissionalismo
E a força da vocação.

Ser professor é sonhar
Com uma nova educação
Que seja igual para todos
E que forme o cidadão
Mas que o docente receba
Justa remuneração.

Ser professor é ser ponte
Dando acesso ao saber
Esforçando-se, doando-se
Para o aprendiz crescer
Buscando mais formação
Dando aulas com prazer
E com força de vontade
Mas na pura realidade
Ser professor de verdade
É bem difícil de ser.



SONEGAÇÃO DE DIREITOS

Autora: Helena Bezerra de Araújo

Fica a vida sem patrono
Chegando à terceira idade
Perde de tudo a metade
Principalmente o sono
Tem muitos no abandono
Ó meu Deus como padece
Quem a família o esquece
É triste a situação
De quem é abandonado
Pra valer só o cartão.

Muitos filhos se reúnem
Pra decidir onde bota
Diz eles são idiota
Aqui não dar pra ficar
Vamos logo procurar
Lá manicômio vaga
Se faz um esforço paga
O valor da inscrição
O resto fica empenhado
Pelo valor do cartão.

Será a maior limpeza
No dia que internar
Ninguém não vai visitar

Porque é melhor pra gente
Eles já estão demente
Nem sabem quem somos nós
Notícia se quer após
Da sua consumação
Porque tudo é contratado
Pelo valor do cartão.

É de praxe acontecer
Na vida de cada idoso
Depois de ficar teimoso
Os parentes se afastando
A comida separando
Vive num quarto isolado
De tanto viver calado
Por ninguém dar atenção
Se torna encarcerado
Pelo valor do cartão.

Na família numerosa
Só fica um pra cuidar
Outros não vão ajudar
Porque não tem o cartão
Morrendo nem o caixão
Pega fazendo favor
O peito cheio de rancor
Queimando no coração
Porque não teve direito
De ficar com o cartão.

A ambição é cruel
Causa dor e sofrimento
Veda o conhecimento
Do seu direito entender
Deixa de reconhecer
O que recebeu dos pais
Que não tão podendo mais
Fazer sua doação
Fica do mundo isolado
Valendo só o cartão.



VACINA CONTRA A BESTEIRA

Autor: Arievaldo Viana

Lúcifer mais Satanás
Se encontravam numa mesa
Bolando um plano terrível
Cheio de mal e torpeza:
Criar um bicho nojento
Para atrasar a pobreza.

Juntaram a brutalidade
De um soldado de polícia
O azar de um caipora
(Conforme li na notícia);
A língua de uma sogra
E da mulher a malícia.

A catanga de um gambá
A ganância de um banqueiro
Demagogia de um político
Embuste de um feiticeiro
A lábia de um pastor
D'uma seita do estrangeiro.

A baba de um cachaceiro
A lepra de um chagado
Raspa de chifre de corno
A corda de um enforcado

Com isso fizeram um bicho
Horrendo, feio e azarado.

Puseram a consciência
De um velho contrabandista
O olhar de um maconheiro
As mãos de um vigarista,
Depois do bicho formado
A ele deram uma lista.

Só com o nome de pobres
A quem devia azarar
No rastro desses coitados
O bicho devia andar
Atrasando suas vidas
Sem jamais se descuidar.

O tal bicho obediente
Levou a coisa a capricho
Grudou no rastro dos pobres
Pior do que carrapicho
Por isso é que o povo diz:
Atrás do pobre, anda um bicho!

Dona Maria Maguinha
Era a primeira da lista
Essa velha sofredora
Foi quem me deu toda pista
Contou-me a história do bicho

De uma forma pessimista.

Ela disse: - “seu” Ari
Não é conversa fiada,
Eu sou vítima desse bicho
Desde quando fui gerada
Pobre só vai para frente
Quando leva uma topada!

Acordo de madrugada,
Quase não tenho sossego
Pego dois ônibus lotados
Sujeita a todo chamego
Pra não chegar atrasada
Na peste do meu emprego.

Levo mais uma marmita
Com ovo mal cozinhado
Uma farofinha azeda
E um feijão requentado,
Pois o almoço da firma
No salário é descontado.

Com todo esse sofrimento
Teve mais uma mutreta
Me acredite que outro dia
Ao passar na borboleta
A peste de um soldado
Chegou fazendo careta.

Me deu um grande empurrão

Minha marmita caiu

Foi ovo pra todo lado

E a farofa sumiu

E a peste do soldado

Com isto ainda sorriu.

Porém a minha vingança

Chegou depressa, a cavalo,

Comprei um quilo de pregos

Com o intuito de pegá-lo

Coloquei sobre a cadeira

E fiquei a esperá-lo.

Fingia andar distraída

Quando o malvado chegou

Nem sequer pediu licença

Na cadeira se sentou

Bem em cima das tachinhas,

Alguém ainda avisou:

- Tenha cuidado com os ovos!

Não sente aí, camarada...

O bicho era ignorante

E não quis saber de nada,

Pensando em fazer o mal

Quase acabou a ninhada.

Devido a essa embrulhada
Ele ficou me marcando
Todo dia nesse ônibus
O peste vem me insultando
Com certeza ele é o bicho
Que vive me atrasando.

Esse bicho atrai doença
Caé, peitica e azar,
Só quem confia em Jesus
É que pode se livrar,
Pois quando esse bicho encarna
É duro pra despregar.

Um agricultor me disse
Que viveu nessa enxovia
Pois quando ele plantava
Nesse ano não chovia
Se chovesse não vingava
Se vingasse, não colhia.

Se colhia alguma coisa
Lá vinha o atravessador
E comprava a produção
Por um minguado valor...
(Quem vive de agricultura
Nunca acha um protetor).

Cansando dessa peitica

Trepou-se num caminhão
Foi para o sul do país
Trabalhar na construção
Despencou de um andaime
Desmantelou uma mão.

Inventou de trabalhar
No ramo de ambulante
Porém, como camelô
Não pôde ir adiante
O rapa confiscou tudo
E lhe deixou mendicante.

Preso por vadiação
Levou uma surra de peia
Depois de muito sofrer
Pôde fugir da cadeia
Mas só come quando ataca
A propriedade alheia.

É ladrão, porém o bicho
Não deixa de o perseguir,
E ele não sabe mais
Para onde deve ir
O bicho é a sua sombra
E não pensa em desistir.

Em dieta de faquir
Vive esse pobre coitado

Só come uma vez por dia
E se encontra adoentado
Fala em voltar pro Nordeste
E botar mais um roçado...

Quem nasce pra lagartixa
Não pode ser jacaré
Quem nasce para ser pulga
Há ser bicho-de-pé,
Quem não pode ser pavão
Tem de morrer caboré.

É medonha a injustiça
No país que a gente mora
A exploração domina
E a justiça não vigora,
Nós vivemos no lugar
Que o cão perdeu a espora.

O ladrão engravatado
É cheio de regalia
A vida inteira ele rouba
E não padece um só dia
Já o ladrão de galinha
Padece na enxovia.

Dona Maria Maguinha
É pobre, mas é esperta
Para driblar esse bicho

Não descansa, vive alerta,
Botou a boca no mundo
E eu acho que ela está certa.

Não deixa de batalhar
O seu pão de cada dia
Me contou todo seu drama
E apesar disso sorria...
O pobre vive sofrendo
Mas não perde a alegria.

Eis um relato singelo
Versado todo em cordel
Adquira um exemplar
Leia e divulgue a granel
Deus aos pobres dê a terra
Onde jorra leite e mel.

Canindé, 18 de outubro de 2003.
Stanislaw Ponte Preta,
Grande cronista, nos diz:
O que atrasa o Brasil
Tornando o povo infeliz
É o Festival de Besteira
Que assola o nosso país.

Formiga acaba uma roça
Neblina acaba uma feira
A bomba atômica arrasou

Uma metrópole inteira
No Brasil não há quem possa
Dar vencimento à besteira...

A besteira tem crescido
Numa escala de milhão
Do Oiapoque ao Chauí
A besteira é o refrão
Tomou conta de jornal
De rádio e televisão.

Após dias de trabalho
Um pacato cidadão
Passa o domingo em casa
E liga a televisão
Arrisca a ficar doente
Com as besteiras do Faustão.

E se mudar de canal
Só encontra papangu
Em matéria de besteira
Está bem grosso o angu
De um lado está o João Kleber
Do outro lado o Gugu.

As tais duplas breganejas
Com suas canções melosas
Com visual “Country Music”
E letras fantasiosas

Ocupam todos canais
Nessas tardes tediosas.

Nossa Música Popular
Está reduzida a pó
Não sei como alguém suporta
As tais “bandas de forró”
Falando no Zé Priquito
E na Égua Pocotó...

Para uma música tocar
No rádio ou na TV
E necessário pagar
Um tal de Jabaculê
A mídia é quem fabrica
Sucessos para você.

Em dez minutos de filme
Do cinema americano
Se vê tanta violência
Que se clama ao soberano
A vida é coisa banal
Nesse sistema tirano.

Está bem mal o Brasil
Mergulhado na besteira
No lamaçal da política
No lodo da roubalheira
É um quadro tão deprimente

Que dá até caganeira.

A besteira é um veneno
Pior que a estriquinina
Curar doença tão grave
Desafia a medicina
Na cultura popular
Talvez se ache a vacina.

A defesa da cultura
É uma necessidade
Para que o nosso povo
Não perca a identidade
Se afirme como nação
A atinja a prosperidade.

Somente valorizando
A popular tradição
O reisado, a cantoria.
Xote, xaxado e baião.
Pode-se achar um caminho
No rumo da salvação.

O folheto de cordel
O coco de embolada
A nossa xilogravura
Que na madeira é talhada
Também são ingredientes
Dessa vacina sagrada.

O teatro de Ariano
A música de Gonzagão
Xaxado e outras cantigas
Dos cabras de Lampião
Podem curar a besteira
Que assola nossa nação.

O trovador do Rio Grande
Com sua gaita fagueira
Cavalhadas de Goiás
E uma ciranda praieira
São remédios eficazes
Para se curar a besteira.

O frevo, o maracatu.
E o samba de raiz
São reflexos da cultura
De um povo bom e feliz
Basta beber dessa fonte
E zelar essa matriz.

O calango, o tatu-bola.
E a embolada mineira
As estórias encantadas
Dos folhetinhos de feira
São excelentes vacinas
Pra se curar a besteira.

A cultura popular
Não tem contra-indicação
Contém nacionalismo
E doses de tradição
Tem vários ingredientes
Que vitalizam a nação.

Pois esse lixo enlatado
Da cultura ocidental
Que nós somos obrigados
Consumir, por bem ou mal.
Só pode ser combatido
Se usarmos nosso arsenal.

Uma bomba de forró
Do legítimo “pé-de-serra”
Um torpedo de repente
Faz estremecer a terra
Vamos usar a cultura
Para vencer essa guerra.

Dominar, esse é o lema.
Dos povos conquistadores
Escravizar os mais fracos
Subtrair seus valores...
Negar a nossa cultura
É a marca dos opressores.

Neste século vinte e um

A besteira anda a mil
E reina de ponta a ponta
Sob um céu azul anil;
Educação e cultura
Podem salvar o Brasil...

Um Brasil nacional
Um Brasil bem Brasileiro
De Mãe Preta e Pai João
Samba de roda e terreiro
Cordel, repente e canção.
Na viola e no pandeiro.

Um Brasil verde-amarelo
Que ame a literatura
Unindo todas as raças
Nessa perfeita mistura
Tal e qual baião-de-dois
Com jabá e rapadura.

Meu Brasil de Noel Rosa
De Catulo da Paixão
De Zé da Luz, Patativa,
De Oliveiros, Roldão:
Dois mitos reencarnados
Nos folguedos do sertão!

Pátria do Amigo-da-Onça
Da Graúna de Henfil

Do Barão de Itararé
De Pererê e outros mil
Personagens populares
Da cultura do Brasil.

Brasil de Leandro Gomes
De Barros, grande poeta
Um menestrel sertanejo
De pena sábia e correta
Juntando esses valores
Tenho a vacina completa!

Lancei aqui o meu brado
Bati mais do que marreta
Pois não sou com o sagüi
Para morrer de careta
Um viva para o Brasil
De Stanislaw Ponte Preta.

SOBRE OS CORDELISTAS DA EDIÇÃO

Gustavo Luz

ANTONIO FRANCISCO TEIXEIRA DE MELO

Um cordelista extremamente prolífico, Antonio Francisco Teixeira de Melo encontra-se entre os principais nomes da Literatura de Cordel que se destacaram quando ocorreu o sopro de revitalização dessa literatura, ainda nos finais dos anos de 1990. Autor de poemas considerados por alguns clássicos do gênero, como *A Casa que a fome mora*, *Os animais tem razão*, *Um bairro chamado Lagoa do Mato*, entre outros, Antonio Francisco é conhecido por suas poesias críticas. Criou uma prole de novos poetas facilmente identificados pelo seu estilo literário de recitar e de se vestir. Antonio Francisco percorreu várias cidades do nordeste pedalando e escutando histórias. Antes de se descobrir poeta, exerceu o ofício de sapateiro e de plaqueiro, começando a escrever somente depois dos 40 anos. Nasceu em Mossoró em 21 de outubro de 1949. Aqui a obra selecionada do autor é o cordel clássico *A casa que a fome mora*, lírica em décimas que surpreende o leitor pelos becos e vielas em busca do local onde morava a fome.

LUIZ DE OLIVEIRA CAMPOS

Nascido em Mossoró/RN em 11 de outubro de 1939, onde faleceu aos 73 anos em 13 de agosto de 2013, Luiz de Oliveira Campos foi repentista e cordelista, tendo participado de vários festivais e congressos de violeiros. Viajou na primeira caravana dos poetas pelo Brasil, percorrendo 14 capitais brasileiras. Ao lado de Alcivan Honorato, fundou, em 1977, a Casa do Cantador do Oeste Potiguar, entidade que serviu de ventre para o nascimento da ESCOLA DE MOSSORÓ, em que a poesia foi posta a serviço das causas populares. Escreveu vários folhetos de cordel, dos quais podemos citar as obras *Me enganei com minha noiva*, *Carta a papai Noé* e *A morte de Luiz Macedo*. Segundo confessou o poeta Antonio Francisco, Luiz Campos foi seu professor, tendo ele ensinado tudo o que aprendera sobre o ofício dos versos em cordel.

JOSÉ RIBAMAR DE CARVALHO ALVES

Poeta, repentista, cordelista, cantador profissional, declamador, radialista, músico e escritor de bancada, vários foram os campos de atuação artística de José Ribamar de Carvalho Alves, nascido em 16 de março de 1962, em Caraúbas/RN. Começou a cantar profissionalmente em 1983, aos vinte e dois anos de idade. Somente em novembro de 2001 começou a escrever e publicar seus primeiros trabalhos. Carregado com uma excelente veia poética, Ribamar canta não somente sobre o sertão nas suas veredas mais profundas, mas também o modo como sobrevive no urbano cínico e cheio de modismos. Sua poesia denuncia a hipocrisia social. Atualmente, mora na cidade, mas carrega no

sangue a força oriunda das raízes sertanejas. Publicou vários cordéis, dos quais podemos citar *Confusão no cemitério*, *Debate do professor com o pai do aluno*, *Documentário da vida de Elizeu Ventania*. Também lançou vários livros, como *Chorando na chuva* e *Espelho de carne e osso*. Em relação à sua produção musical, destacam-se *Quando as violas se encontram* e *Viva o Nordeste*. José Ribamar é membro da Academia Mossoroense de Literatura de Cordel, tendo como patrono Fabião das Queimadas.

MANOEL DE ASSIS CAMPINA

Manoel de Assis Campina nasceu em Sergipe, no ano de 1897, vindo a falecer em Palmeira dos Índios, em Alagoas, no ano de 1952, com 55 anos de idade. Foi cantador repentista e poeta de bancada. É autor de *Aventuras de Justino no reino de sete quartos*, *A cheia de 48* e *Discussão dum Fiscal com uma Fateira*.

JOSÉ ANTONIO DA SILVA (CONCRIZ)

José Antonio da Silva, o Concriz, foi um dos maiores emboladores de coco do Brasil. Nascido em Timbaúba dos Mocós – PE, Concriz fez dupla por muitos anos com João Preá, com quem cantou no Programa Hora da Qualhada da Rádio Rural e com quem gravou um excelente LP. Exerceu várias funções até se transformar em cantador de coco, de agricultor a sapateiro e padeiro, de camelô de “banha do peixe-boi” a vidente e adivinho. Concriz foi o organizador do primeiro e único festival de emboladores de coco do Nordeste, onde proliferaram os festivais de

violeiros. Publicou os cordéis *Jararaca arrependido porque matou um menino*, *A Resposta da Carta de Fernando Collor ao Diabo*, *O Chupa-cabra está Solto*, *Jorge Amado foi embora*, *Foi Deus quem mandou chamar*, *Fundo do Poço Total*.

SEVERINO VIRGÍNIO BEZERRA

Severino Virgínio Bezerra é poeta, violeiro, repentista e autor de vários cordéis. Escreveu o livro *Dados e versos de autores diversos*. Nasceu em Caraúbas/RN, em 1949. Seu encontro com a viola ocorreu em 1976. Foi fotógrafo, marceneiro e pedreiro, mas hoje trabalha como cabelereiro. É ocupante da cadeira 22 da Academia Mossoroense de Literatura de Cordel, tendo como patrono Boaventura de O. Brito.

LEANDRO GOMES DE BARROS

Leandro Gomes de Barros é o pai da Literatura de Cordel no Brasil. Nasceu em Pombal/PB, em 1865 e faleceu em Recife-PE, em 1918. Estima-se que a vasta produção literária de Leandro atinge cerca de 600 títulos, dos quais foram tiradas mais de 10 mil edições. Escreveu cordéis de grande aceitação popular, como *O Cachorro dos Mortos*, *Batalha de Oliveiros com Ferrabrás*, *O povo na cruz*. Pioneiro na produção de Literatura de cordel no país, Leandro Gomes de Barros foi considerado por Luís da Câmara Cascudo "[...] o mais lido de todos os escritores populares. Escreveu para sertanejos e matutos, cantadores, cangaceiros, almocreves, comboieiros, feirantes e vaqueiros. É lido nas feiras, nas fazendas, sob as oiticicas, nas horas do 'rancho', no oitão das casas pobres,

soletrado com amor e admirado com fanatismo. Seus romances, histórias românticas em versos, são decorados pelos cantadores".

JOSÉ BEZERRA DE ASSIS

Natural de Antônio Martins/RN, mas residente do município de Patu/RN, José Bezerra de Assis é professor de escola pública. Defendeu dissertação de mestrado em Educação com o tema *O folheto de cordel e a sua dimensão pedagógica*. Poeta cordelista e escritor, publicou os livros *Fagulhas de poesia, Nas trilhas do cordel, Teares de versos e Tabuleiro de rimas*, todos impressos pela editora Queima-Bucha, em Mossoró-RN. Também os cordéis *Projeto Logos II em versos populares, Romaria dos vaqueiros ao Santuário do Lima*. É membro sócio fundador da Academia Patuense de Letras e Artes.

HELENA BEZERRA DE ARAÚJO

Helena Bezerra de Araújo é professora aposentada da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. Nasceu em 1951, no município de Antônio Martins/RN. Trabalhou na agricultura dos sete aos vinte e quatro anos, sendo alfabetizada em casa pela mãe e começando a frequentar a escola aos dez anos. Desenvolveu o hábito da leitura lendo a *Cartilha do Povo*. Descobriu o talento de fazer versos rimados adotando sempre a linguagem matuta. Possui mais de uma dezena de cordéis, uns publicados, outros não; e, pelo incentivo de sua família e pela colaboração significativa de seu irmão, o poeta Zé Bezerra,

reuniu vários de seus textos poéticos na construção da obra *Causos em versos contados*. Destaca-se por ser autora do Hino do município de Frutuoso Gomes-RN, além de ser a ocupante da cadeira nº 38 da Academia Norte-Rio-Grandense de Literatura de Cordel.

ARIEVALDO VIANA

Natural do Ceará, Arievaldo Viana é um grande articulador literário que ao longo da sua vida se correspondeu em cartas com poetas de todo o Brasil, até que viu na internet a oportunidade de tornar-se um ligador de pontos, correspondendo-se com todo o Brasil e levando a Literatura de Cordel a todo o país. Publicou o livro de referência *Acorda Cordel na sala de aula, a literatura como ferramenta auxiliar na educação*. Muito cedo escreveu os livros de memória *No tempo da lamparina e Sertão em desencanto, gênese sertaneja – I Volume de memórias*. Além disso, escreveu *Leandro Gomes de Barros, o mestre da Literatura de Cordel, vida e obra*. Para além de seus livros, escreveu dezenas de cordéis, dentre eles *Jerônimo e Paulina ou o prêmio da bravura* e *O sonho do imperador Carlos Magno*. Para compor esse dossiê escolhemos o seu cordel *Vacina contra a besteira*, que ilustra bem o atual momento brasileiro. Escrito antes da pandemia, nesse cordel ele percebia que a *besteira* estava tomando conta da discussão política, cultural e social da nossa sociedade. Arievaldo faleceu em 30 de maio de 2020.